
“OS CORPOS VIVOS TAMBÉM NÃO MAIS SE TOCAM”: ESCRITA COMO RECURSO SUBJETIVO PARA ELABORAÇÃO DO MAL-ESTAR PANDÊMICO

ZICA, Matheus da Cruz¹

Recebido (Received): 13/10/2021 Aceito (Accepted): 08/11/2021

Como citar este artigo: ZICA, M. C. “Os corpos vivos também não mais se tocam”: escrita como recurso subjetivo para elaboração do mal-estar pandêmico. **Geoconexões online**. v.1, Edição Especial, p. 136-150, 2021 (Dossiê: Histórias, fronteiras e pandemias: os desafios dos países e as doenças sem fronteiras).

RESUMO: No presente artigo buscamos explorar a função da escrita para sujeitos diversos que a utilizaram, cada um a sua maneira, como forma de lidar com o mal estar imposto pelas circunstâncias ligadas ao surto do Covid-19 mundo afora. Teoricamente nos amparamos em noções que partem da psicanálise freudiana e lacaniana para pensar o lugar privilegiado que a arte ocupa para elaboração do trauma e da experiência. Para a análise que propomos foram selecionadas 4 crônicas publicadas entre o fim do mês de março e início de abril de 2020, coincidindo com o espanto inicial de juntos experimentarmos, em escala global, as primeiras semanas de confinamento e da austeridade das novas rotinas como a obsessão pelo uso do álcool em gel e máscaras. As autorias de cada uma das crônicas aqui selecionadas são de: uma psicanalista francesa, um escritor italiano, uma professora e um professor universitários do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia, Função da Escrita, Subjetividade

LIVING BODIES ALSO NO LONGER TOUCHING EACH OTHER”: WRITTEN AS A SUBJECTIVE RESOURCE FOR THE PREPARATION OF THE PANDEMIC DISEASE

ABSTRACT: In this article, we seek to explore the role of writing for different subjects who used it, each in their own way, as a way to deal with the uneasiness imposed by the circumstances associated with the Covid 19 outbreak around the world. The reviews presented in this paper are based on notions that come from Freudian and Lacanian psychoanalysis to think about the privileged place that art occupies for the working through of trauma and experience. For the analysis we propose, 4 chronicles published between the end of March and the beginning of April 2020 were selected, coinciding with the initial amazement of together experiencing, on a global scale, the first weeks of confinement and the austerity of new routines such as obsession with the use of alcohol in gels and masks. The authors of each of the chronicles selected here are: a French psychoanalyst, an Italian writer, and two university professors from Brazil.

PALABRAS CLAVE: Pandemic, Writing Role, Subjectivity

¹ Licenciado em História, Mestre e Doutor em Educação pela UFMG e Professor Associado do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: matheusczica@gmail.com

Introdução

“Os corpos vivos também não mais se tocam”... e, complementa Maria Cristina Soares de Gouvêa², em seu texto *Um metro e meio: crônica para tempos distópicos*, publicado em 09 de abril de 2020 no jornal *Pensar a Educação em Pauta*³: “Um metro e meio marca a distância de nossos afetos, dores, aflições, desejos. Um metro e meio marca a segurança e proteção de nossos afetos. Ainda assim, os afetos resistem e insistem, os corpos não mais se tocam, mas vozes e imagens se encontram em redes magnéticas (...)”.

Creemos que esse pequeno trecho, do qual tomamos uma parte de empréstimo para o título do nosso artigo, nos dá bem a medida do arrebatamento que a situação toda, trazida pelo surto do Covid-19 pelo mundo, nos causou ao interromper bruscamente o nosso cotidiano como antes o conhecíamos e ao qual, não sem uma boa dose de adestramento, havíamos com menor ou menor conformidade nos habituado. A condição de sofrimento psíquico com a qual muitos de nós tivemos de nos haver durante esse período pandêmico trouxe consigo questionamentos que tiveram implicações importantes para os modos de viver de cada sujeito que não chegou a sucumbir. Como um *turning point*, de nossa parte consideramos que esse momento de intensa ansiedade trouxe também a oportunidade de podermos renegociar os termos do vivido, recolocar, mover e remover algumas peças no jogo da experiência humana⁴.

E em meio às vicissitudes desse real que se apresentou de modo avassalador, na figura da fatalidade de um vírus, diversos recursos culturais emergiram neste contexto como alternativa importante para enfrentamento do mal estar pandêmico. Recursos que também permitiram fazer com que, de maneira prática, se operasse a transição de um antes para um depois em favor de alimentar a esperança de fazer brotar algo de mais humano em um futuro próximo. Dentre esses recursos que a civilização nos dispõe um em especial nos chamou a atenção pela recorrência com que foi mobilizado e pela intensidade das mensagens que pôde produzir: estamos aqui a falar da *escrita*.

²Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Pós-doutora em História pela Oxford University. Pessoa que conheço há anos e por quem tenho admiração desde muito antes de eu haver sido agraciado com o privilégio de tê-la tido como participante da banca de avaliação de minha tese de doutoramento.

³Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/um-metro-e-meio-cro%CC%82nica-para-tempos-distopicos/> (último acesso em: 15/10/2021)

⁴É de longa data a atenção que a filosofia dá ao tema do impulso de vida que a morte posta no horizonte pode trazer. De nossa parte também tivemos oportunidade de dar algum tratamento ao tema (Zica, 2017).

Como muito bem pontua Barbosa Neto (2020), embasado nas teorizações de Freud e Lacan, da relação entre o trauma e a arte pode advir justamente a *elaboração de sentido*. Ou, ainda pensando sobre a relação entre psicanálise e arte, podemos afirmar com Guerra & Burgarelli (2018) que a *escrita da experiência* pode sim ser concebida como uma genuína metodologia. Um precioso modo de saber sobre si e sobre o mundo. Esse é o pressuposto básico que estrutura todo esse artigo.

No presente texto buscamos explorar a função da escrita⁵ para sujeitos diversos que a utilizaram como forma de lidar com o mal estar imposto pelas circunstâncias ligadas ao surto do Covid 19 mundo afora. Selecionamos quatro crônicas publicadas entre o fim do mês de março e início de abril de 2020, coincidindo com o espanto inicial de juntos experimentarmos, em escala global, as primeiras semanas de confinamento e da austeridade das novas rotinas como a obsessão pelo uso do álcool em gel e pelo hábito de vestir máscaras.

Conforme já citamos acima, uma das crônicas com as quais escolhemos dialogar nesse artigo é de autoria da professora universitária Maria Cristina Soares de Gouvêa. Seu lugar de fala é de fina sensibilidade. O ponto de partida de sua escrita é o trabalho dos sentidos de seu próprio corpo. Sem grandes amarrações interpretativas, o que a autora parece tentar inicialmente fazer é traduzir em letra o que primeiro se passa lá em seu corpo, naquele momento trancafiado em um apartamento de um bairro de classe média da capital Belo Horizonte. Em sua tessitura narrativa encontramos o impacto da nova situação captado em primeira mão pelos vários órgãos de uma matéria viva que antes de tudo sente.

Habito um não lugar, fora do tempo e espaço, cheirando a água sanitária, álcool gel, bolor e mofo. Lugar do som da TV ligada a repetir a cada dia números que se acumulam. Lugar de gosto de comida de geladeira. Lugar da visão de objetos e toque de superfícies acumuladas ao longo de um outro tempo. O tempo para, mas continua, puro, reduzido a sua essência. Lentamente ele deixa suas marcas no meu corpo que engorda, no cabelo que embranquece, cresce, junto com minhas unhas. Meu corpo é agora o único objeto da ação do tempo. (Gouvêa, 09/04/2020)

Também de dentro de seu apartamento, mas partindo de um ponto de vista um pouco mais próximo do etnógrafo, o literato e também professor universitário Antonio

⁵Um trabalho basilar sobre essa questão da função da escrita pode ser encontrado no trabalho do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008): *A escrita como remédio: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX*.

Scurati⁶, escreve sobre o que podia espiar da fresta de sua janela. Numa descrição analítica das cenas que se passam na rica localização da cidade italiana de Milão, de onde ele escreve, Scurati parece construir um testemunho do que àquela época considerou ser “o fim de uma era”, frase que intitula sua crônica publicada em 25 de março de 2020, pelo jornal *Corriere della Sera*⁷:

Como posso convencer a minha mulher de que, enquanto olho pela janela, estou a trabalhar? — perguntava-se Joseph Conrad no início do século passado.

Eu, em vez disso, pergunto-me: como posso explicar à minha filha que, quando olho pela janela, vejo o fim de uma era?
(...)

Olho-os [pessoas na fila do pão] da janela do meu estúdio enquanto escrevo.

Observo-os enquanto o número de mortes sobe para quatro mil, enquanto o contágio cresce exponencialmente, enquanto sustenho a respiração para não inalar o ar do tempo. (Scurati, 25/03/2020)

Já na escritura da psicanalista francesa Marie-Helene Brousse⁸, publicada com o título “Os tempos do vírus”, na mesma data que a crônica de Scurati em 25 de março de 2020, na revista *Lacan Quotidien* N.876⁹, podemos perceber pelo menos dois movimentos muito ricos: de um lado as reverberações da nova situação nas próprias manifestações do

⁶ Antonio Scurati é professor de Linguística e Comunicação na Universidade de Milão. Com o livro “M - O filho do século”, Scurati ganhou o Prêmio Strega, o mais importante da literatura italiana.

⁷ Nesse texto trabalharemos com a primeira tradução feita para a língua portuguesa divulgada pelo site português *observador.pt*, com o título “O fim de uma era. A cidade mais privilegiada da Itália está na fila para o pão”, na mesma data em que saiu a edição original italiana, em 25 de março de 2020. Conferir em: <https://observador.pt/especiais/milao-a-cidade-mais-privilegiada-de-italia-esta-agora-na-fila-do-pao/> . (último acesso em: 15/10/2021). O título original do texto italiano é “IL CORONAVIRUS HA SEGNATO LA FINE DI UN'EPOCA”. Para acesso à totalidade do texto italiano, conferir em: <https://francescomacri.wordpress.com/2020/03/25/il-coronavirus-ha-segnato-la-fine-di-unepoca/> . (último acesso em: 15/10/2021). Um agradecimento especial ao meu irmão e parceiro intelectual,

Guilherme da Cruz e Zica, por me ter pela primeira vez apresentado esse texto.

⁸ Psicanalista, membro da École de la Cause freudienne (ECF) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Doutora em Psicanálise e docente aposentada da Université de Paris VIII–Saint Denis.

⁹ Nessa ocasião estamos trabalhando com a primeira versão traduzida para o português, empreendida por Yolanda Vilela, e publicada no *Correio Express* – revista eletrônica da *Escola Brasileira de Psicanálise* – em 04 de abril de 2020. Para acessar a versão completa dessa tradução, conferir em: https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/04/os-tempos-do-virus/ . (último acesso em: 15/10/2021) Para acessar o texto completo na edição original francesa, favor conferir em: <https://lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2020/03/LQ-876.pdf> . (último acesso em: 15/10/2021). Um agradecimento especial ao Grupo Aimée (UFPB) por meio do qual pela primeira vez soube desse texto e pela rica interlocução que empreendemos a respeito dele no âmbito de suas atividades (funcionando de maneira remota desde o início da pandemia). O referido grupo – sob coordenação das psicanalistas Cleide Pereira Monteiro, Regileide Lucena, e Elisângela Ferreira Barreto – propõe discussões teóricas a partir da psicanálise lacaniana e oportuniza, através da extensão universitária, atendimento a pessoas que procuram a clínica de psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

inconsciente durante as sessões analíticas *on-line*, nos lapsos, sonhos e equívocos da língua; e, de outro, o relato subjetivo de sua lida com o texto lacaniano, onde buscou subsídios para uma leitura possível para *isso* que havia se apresentado naquela altura como uma irrupção devastadora.

A manutenção das sessões pelos diferentes meios que a modernidade coloca à nossa disposição nesse tempo caótico do laço social traz matéria sonora e significativa para essa epidemia.

(...)

Reli o texto que Lacan escreveu em 1945: “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”. Pareceu-me que nesses tempos de confinamento, o apólogo dos três prisioneiros pudesse trazer algum esclarecimento.

Contudo, não é sem recuos que sempre considere esse artigo. De fato, meu primeiro sintoma, “ir embora, partir”, era aí concernido um pouco mais de perto, e o termo “prisioneiro” produzia em mim um ofuscamento permanente do julgamento. (Brousse, 25/03/2020)

Marie-Helene Brousse tem aí um reencontro com a obra de Lacan. Eu, de minha parte, tive um reencontro com a questão social da violência no Brasil. A partir de minha inserção acadêmica, e também da relação forte que mantenho com a escrita desde a infância¹⁰, também recorri às palavras para elaboração do mal estar instalado a partir daquele março de 2020, a partir de um texto com intitulado “Ou tiramos consequências políticas desse vírus... ou pior”, pela primeira vez publicado em 13 de abril de 2020, no *Blog Pensar a Educação*¹¹.

¹⁰Nos ocupamos de pensar sobre a questão das *funções da escrita* desde o tempo do curso de Licenciatura em História (2003-2007 / UFMG), quando da realização da Iniciação Científica. O doutorado em Educação tem essa marca, quando trouxemos à tona as funções que a escrita assumiu para Bernardo Guimarães (1825-1884), Cf. Zica (2011). Recentemente nos detivemos sobre essa mesma questão posta para outro escritor mineiro, em temporalidade bem distinta, Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), Cf. Zica (2019).

¹¹ A primeira versão pode ser acessada em: <https://pensaraeducacao.com.br/blogpensaraeducacao/tag/matheus-cruz-e-zica/>. (último acesso em: 15/10/2021). Em 15 de abril o texto ganhou maior divulgação a partir de sua publicação no *Jornal GGN*, coordenado pelo experiente jornalista Luís Nassif. Para conferir essa versão, acessar: <https://jornalggn.com.br/artigos/ou-tiramos-consequencias-politicas-desse-virus-ou-pior-por-matheus-da-cruz-e-zica/>. (último acesso em: 15/10/2021). A decisão de trazer essa crônica para o *corpus* de fontes analisadas nesse texto obedece ao critério de não esconder do leitor o fato básico de que o autor desse artigo acadêmico também esteve imiscuído ao processo histórico em questão, implicado nele de tal maneira que não seria justo deixar de explicitar nosso lugar de fala naquele momento como, de fato o foi, mais um a circular no espaço público da grande rede digital de computadores. Como se pode ver também estive me dedicando à tarefa de *escrita da experiência* (Guerra & Burgarelli, 2018). Um agradecimento especial ao *Projeto Pensar a Educação, Pensar o Brasil*, na pessoa do Professor Luciano Mendes de Faria Filho que a partir da UFMG o coordena e que acreditou no potencial desse texto publicando-o primeiramente no Blog do projeto, e posteriormente publicando no próprio jornal do Projeto, o *Pensar a Educação em Pauta*, em 17 de abril. Conferir essa versão em: <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/educacao-saude-e-sociedade/>. (último acesso em: 15/10/2021). Agradecimento especial também ao Luís Nassif e sua esposa

Na leitura de todos os textos, por mais diferentes que sejam os enfoques de cada registro, percebe-se que neles há sempre aquele vestígio do sujeito muito bem marcado. Como cada um teve de se haver em seu íntimo, em seu lugar de experiência, com toda a carga externa imposta pela pandemia. Utilizaram-se da escrita da experiência como ferramenta de um saber sobre si e sobre o mundo, como modo de aproximação de algo do qual nada se sabia (Guerra & Burgarelli, 2018). Por exemplo, ao fim do texto de Scurati fica bastante evidente o fato de que ao falar dos seus concidadãos que via de sua janela – dantes altivos e agora na fila do pão – estava na verdade falando de si¹²: “Tenho piedade, compreendo-os, compadeço-me deles. Dentro de alguns segundos estarei na fila junto deles” (Scurati, 25/03/2020).

Em minha¹³ escrita busquei fazer alguma crítica social ou análise da cultura a partir do momento específico que vivíamos. Me inquietava o fato de que estávamos lidando com um fator novo, embora atrelado a uma questão antiga para o nosso país: a morte sistemática das populações pobres. Mas, nessa escrita, minha marca subjetiva estava também muito presente, a denunciar o lugar pungente de onde parte o fogo, o motor de toda e qualquer escrita. O mundo enfrentava uma nova crise a partir do Covid-19. Nós no Brasil fizemos uma operação de soma. Juntamos a crise das instituições políticas, sociais e culturais que já experimentávamos com outra, a nova e arrebatadora crise pandêmica imposta pelo vírus. Essa mistura de crises produziu as condições para que um presidente da república pronunciasse uma frase como essa, em 26 de março 2020, para defender a ideia de que não era necessário alarde em relação ao coronavírus: “o brasileiro tem que ser estudado, ele mergulha no esgoto e não acontece nada com ele”¹⁴.

Lidando com a transfiguração do espaço da cidade

Em minha crônica eu procurava também lidar com meus sentimentos diante das crises somadas que marcavam aquela conjuntura histórica em meio à qual me vi

Lourdes Nassif, por considerarem relevante a publicação desse texto no elaborado jornal que coordenam, o *GGN*.

¹²Para maior embasamento sobre a força teórica da escrita de si recomendamos o belo trabalho de nosso amigo Iranilson Buriti de Oliveira (2021).

¹³Usarei a primeira pessoa do singular quando for tratar desse crônica de minha autoria no presente texto.

¹⁴ Conferir mais detalhes dessa fala em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/brasileiro-pula-em-esgoto-e-nao-acontece-nada-diz-bolsonaro-em-alusao-a-infeccao-pelo-coronavirus.ghtml>. (último acesso em: 15/10/2021)

enredado no Brasil. Em relação à afirmação presidencial supracitada produzi o seguinte comentário:

Quando ouvi isso tive vontade de ver o autor da frase fazendo isso, chafurdando-se num daqueles esgotos a céu aberto do Rio de Janeiro, onde suas milícias ordenam a vida dos miseráveis que àquelas margens vivem.

(...)

Não restam dúvidas quanto ao fato de que o Covid-19 é o menor dos problemas para o Brasil (...) (Zica, 13/04/2020).

Em minha escrita a cidade aparece anunciada a partir dos esgotos. Mas é curioso notar que em todas as outras crônicas a imagem da cidade também compareça como um personagem fundamental da experiência do Covid-19. Um tópico que sem dúvida tem muito a nos dizer.

Na pena de Cristina Gouvêa o que vem à tona inicialmente é a experiência dos ruídos da cidade, sua paisagem sonora. Vivendo numa grande cidade como Belo Horizonte, onde o ritmo intenso das mercadorias e das gentes que se deslocam durante o dia todo, todos os dias, a suspensão desse fluxo constitui-se num fato nada desprezível para o modo como se experimenta a cidade:

O tratamento do canal do dente, a mamografia anual, o IPVA do carro empoeirado de tanque cheio, tudo repousa debaixo de uma fina poeira que pouco se acumula, diante da ausência dos carros que não mais passam velozes na avenida abaixo de minha janela.

Não mais os ruídos das freiadas, buzinas, vozes, eventuais gritos e risos de bêbados que atravessam a madrugada. Minha paisagem sonora se silencia e se apaga, desaparece do meu cotidiano. (Gouvêa, 09/04/2020)

Gouvêa capta o silenciamento de sua cidade dantes barulhenta como era de costume. Scurati, por sua vez, vê a festiva cidade de Milão não tanto silenciar, mas sim mudar de tom.

As sirenes das ambulâncias tornaram-se a banda sonora dos nossos dias; as nossas noites são atormentadas por homens adultos que choramingam no sono:

“O que é, sentes-te bem?”.

“Nada, não é nada, volta a dormir”.

(Scurati, 25/03/2020)

O medo e a tristeza que passaram a imperar naquelas ruas representam o extremo oposto do imaginário habitual que se tinha de Milão. Até mesmo para os próprios milaneses, agora se sabe:

Vivo em Milão, até ontem a mais evoluída, rica e brilhante cidade de Itália, uma das mais desejadas do mundo. A cidade da moda, do design, da Expo.

A cidade do aperitivo, que deu ao mundo o Negroni Sbagliato e a happy hour e que hoje é a capital mundial do Covid-19, a

capital da região que, sozinha, soma trinta mil contágios confirmados e três mil mortos.

Uma taxa de mortalidade de 10 por cento, os caixões empilhados à frente dos pavilhões dos hospitais, uma pestilência vaporosa que paira sobre as torres da sua catedral como sobre as cidades amaldiçoadas das antigas tragédias gregas. (Scurati, 25/03/2020)

O abismo que se abria entre o passado e o presente da cidade da Catedral Duomo parecia ter ares de surreal aos olhos estupefactos de Antonio Scurati. Já na letra de Marie-Helene Brousse a transfiguração das cidades se mostra de uma maneira inusitada a partir do material trazido nas sessões de psicanálise e conversas com colegas.

Ao falar de um sonho, uma analisante associa “esvaziar os lugares” (*vider les lieux*) com o “covi(d)”, nome dado nesse sonho ao coronavírus. Uma colega fala de sua cidade, bela, antes de tudo, por estar esvaziada dos turistas que habitualmente a invadem e que se tornou, mais tarde, “espectral”. Outra colega constata que a sua cidade que, segundo dizem, “nunca dorme”, caiu num sono profundo onde os ratos, outrora confinados nos túneis, passeiam agora livremente pelas plataformas. O confinamento muda de espécie. Isso não deixa de lembrar a ressurreição animal e vegetal de Chernobyl. Homens e mulheres morrem, levados pelo vírus, mas a vida prossegue em seus caminhos, darwinianos. (Brousse, 25/03/2020)

As cidades naquele momento ganharam novas adjetivações, passaram a ser definidas algumas vezes pelos seus significantes opostos. Esvaziar, dormir, silenciar... Dentre palavras antônimas que passaram a designar as cidades, àquele momento transfiguradas, uma amarga lição, para fora dos significantes, de leve acenava: na guerra entre o vírus e a humanidade, até aquele ponto venciam os ratos!

Uma pequena pausa na roda viva do capital

Naquele momento fatídico da explosão pandêmica, da proliferação de um patógeno letal e desconhecido, utilizou-se muito de referências ligadas à categoria *tempo*. Diante da morte que então se apresentava em sua possibilidade de iminência, a questão da *finitude* marcava presença maciça. Scurati se esforçava por não “inalar o ar do tempo”, o tempo do “fim de uma era” (Scurati, 25/03/2020). Gouvêa chegou mesmo a ver o tempo “reduzido a sua essência”, inclusive conhecendo seu corpo como “agora o único objeto da ação do tempo” (Gouvêa, 09/04/2020). A “Era”, que comparece no título da crônica de Antonio Scurati (25/03/2020), vai aparecer no título da de Gouvêa como “*tempos distópicos*” (Gouvêa, 09/04/2020). Ainda sobre a estranheza de um novo modo de se situar no tempo

Gouvêa compartilha conosco a seguinte afirmação: “A sucessão dos dias, a agenda intocada que anuncia e denuncia um ano que não começou, nos dias que se passam num abril que se insiste primaveril”(Gouvêa, 09/04/2020).

O tempo – e suas designações derivadas – está também muito bem marcado no título do texto da psicanalista lacaniana Marie-Helene Brousse (25/03/2020): “Os tempos do vírus”. Inclusive o ponto principal da releitura de Lacan empreendido pela autora em questão incide exatamente sobre a lógica dos três tempos para pensar os impactos psíquicos que as medidas de proteção contra o vírus traziam consigo.

A pulsão de morte emerge livre da sideração que impediu o instante do olhar. Pode se revelar, então, a verdadeira incógnita do problema: como a pulsão de morte toca o próprio sujeito, como ela o concerne e o divide. A objetividade do tempo para compreender permite que apareçam os sujeitos definidos “*por sua reciprocidade*”. Na ausência do instante do olhar, que Lacan designa como “*apodose*” – termo gramatical designando uma proposição principal, que falta aqui – a duração do tempo para compreender, ao emitir hipóteses, se revela muito longa na epidemia que atravessamos.

Testemunha disso é a dificuldade de levar a sério as medidas de segurança, dificuldade que, ainda hoje, age efetivamente no seio das democracias. Isso explica também que a decisão de confinamento tenha sido tomada com atraso. O tempo para compreender, de fato, exige uma reconfiguração de enquadres extremamente estreitos da realidade psíquica. Estes últimos permitem, em tempos normais, que os corpos falantes organizem sua vida cotidiana pela rotina de automatismos adquiridos a partir dos discursos que os constituem. Uma vez anulada ou quebrada essa rotina, é o sintoma de cada um que toma a vez. (Brousse, 25/03/2020)

Uma rotina foi quebrada e os sintomas mortíferos se mostraram com muita clareza através da resistência em se adequar às novas condições. A força de uma coerção externa se tornou necessária para a proteção da coletividade, em países sérios, embora não sem algum atraso. E cada sujeito teve de empreender o trabalho complexo de tornar o que foi imposto como atitude própria, subjetiva, com a marca de sua decisão. Consequências extremamente drásticas desse descompasso entre os tempos do vírus foram constatadas em Milão naquele momento inicial em que o patógeno ganhava a Europa.

Por esse impacto é que Scurati tendeu a perceber aquela imagem inexplicável que tinha diante de si como o “fim de uma era”. Os signos de riqueza e distinção de classe naquela ocasião, até então os principais motores da cidade de Milão, só podiam se mostrar como fatores patéticos, já que as dinâmicas do vírus não respeitavam a nenhuma lógica parecida com análise de crédito. Esta discrepância entre um passado, descrito como ricamente estético e esplendoroso e, de outro lado um presente, identificado como melancólico e desganhado, é muito flagrante no texto do escritor milanês.

Ficam, apoiados pela disciplina do desânimo, a um metro de distância uns dos outros, ao mesmo tempo ameaçadores e ameaçados, com máscaras improvisadas, feitas de pedaços de tecido com os quais, até ontem, protegiam as plantas exóticas do seu *roof garden*, gazes desfiadas penduradas nos seus rostos com a melancolia mole dos restos de **uma era acabada**. (Ênfase adicionada) (Scurati, 25/03/2020)

De minha parte, em meu esforço por produzir uma crítica social que não ficasse mergulhada naquele presente aterrador, procurei elaborar a experiência de “parada no tempo” imposta pela pandemia tomando-a como parâmetro para pensar outras formas de lidar com o tempo. Sobretudo para pensar sobre a forma com a qual estávamos acostumados, apostando que dessa comparação pudessem vir alterações positivas na relação que mantemos com o tempo em um futuro que insistia em se anunciar, ainda que incertamente.

É certo que a crise do Covid-19 será um marco geracional em escala global, um referente histórico para organizarmos nossa experiência coletiva no tempo. Das muitas consequências que podemos tirar para nós em relação à condição de confinamento forçado, uma das mais impressionantes é a desaceleração do tempo, relativizando o ritmo do capital, da medida do rendimento, do *time is money*. Em “tempos normais”, é tempo de rendimento alheio. É preciso correr justamente porque há um *time* gasto pelo empregado que não é *money* para ele, nos marcos da mais-valia imperante. Essa parada no tempo do capital pode ser muito instrutiva e precisa ganhar uma formalização social, precisa ser compreendida de modo compartilhado. (Zica, 13/04/2020)

Esse tempo medido pela produção de objetos... Eles também passaram a ser notados e vistos a partir de outras conotações durante o início da crise pandêmica. Ao falar de sua casa, naquele momento transformada em uma espécie de cárcere, Cristina Gouvêa (09/04/2020) a percebe como: “Lugar da visão de objetos e toque de superfícies acumuladas ao longo de um outro tempo”. É interessante perceber que a associação entre *objeto* e *acúmulo* venha a se repetir em outro trecho de sua crônica e de uma maneira extremamente poética, a um só tempo estética e crítica. Ao tratar de prognósticos de que à época já se fazia a respeito de como seria o mundo pós-pandemia a autora destaca que havia uma vertente mais otimista, que alimentaria: “a utopia de um mundo melhor, livre de nossa voracidade acumulativa de geringonças, de uma humanidade que se materializa em bolsas, sapatos, vestidos e gravatas, hoje envoltos em plásticos empoeirados” (Gouvêa, 09/04/2020).

Já Antonio Scurati nos levava a refletir sobre o que realmente tem valor na vida, já que pôde constatar debaixo de seus olhos que carros importados ou moradas de luxo com *roof tops* não garantiam proteção contra o vírus: “Milhares de amigos, parentes e conhecidos tosem até cuspir sangue, sozinhos, fora de todas as estatísticas e sem qualquer assistência, nas camas dos seus estúdios decorados por arquitetos de renome” (Scurati, 25/03/2020). Conforme já havia afirmado no próprio título de sua crônica, a riqueza de Milão não a resguardou da catástrofe: “A cidade mais privilegiada da Itália está na fila para o pão”(Scurati, 25/03/2020).

Aos olhos de Scurati a discrepância da atual aparência da classe abastada, da qual ele fala no texto, com aquela corrente situação que quase os igualava a pedintes se lhe mostrava como patética: “Lanço um último olhar pela janela sobre os meus contemporâneos dos cinquenta anos, os meus concidadãos milaneses, os meus rapazes repentinamente envelhecidos: como são grandes e patéticos com os seus tênis de corrida e as suas máscaras cirúrgicas” (Scurati, 25/03/2020).

Chegaram totalmente despreparados ao seu encontro com a história e, no entanto, precisamente por este motivo, são homens e mulheres corajosos. Fizeram parte do pedaço mais abastado, protegido, longo, bem vestido, nutrido e cuidado da Humanidade a pisar a face da Terra e, agora, na casa dos cinquenta, estão na fila do pão.

A sua aprendizagem na vida foi uma longa aprendizagem da irrealdade televisiva. (Scurati, 25/03/2020)

Nessa reflexão o escritor italiano nos leva a pensar que esses abastados protegidos por sua riqueza em “tempos normais”, já estavam presos antes da pandemia. Uma vida na frente da televisão, experienciando a vida por procuração, através de avatares imaginários. E a isso parecemos ter recorrido com muito maior força no período de confinamento. Conforme muito bem nos lembrou Cristina Gouvêa (09/04/2020): “Ainda assim, os afetos resistem e insistem, os corpos não mais se tocam, mas vozes e imagens se encontram em redes magnéticas, onde compartilham-se músicas, livros, filmes, receitas de bolo, notícias da TV, de redes sociais, aflições e prazeres idênticos de corpos tão distintos”. E numa daquelas imagens poéticas fortes que a autora costuma se valer, ela reforça:

Partilhamos como nunca, com intensidade febril, todo um *container* virtual do tamanho de um planeta, acumulado ao longo dos séculos, junto com o que se faz agora, no mesmo instante que aqui escrevo para me entender, para que outros se entendam, para que nos entendamos. Partilhamos como nunca, com intensidade febril, números de contas bancárias, de financiamento coletivo solidário, que narram as dores e perdas de corpos distantes, ainda que geograficamente tão

próximos, cuja história tanto sabemos, ainda que teimemos em ignorá-la. (Gouvêa, 09/04/2020)

E foi assim que, apesar do vírus, a roda do capital continuou a girar. Empresas ligadas às tecnologias que alimentam o mundo virtual faturaram como nunca. O *E-commerce* deslanchou, os *E-banks*, os aplicativos de entrega, os *Streamings*...

Criando a possibilidade de um futuro

Ao lermos esse material selecionado podemos perceber que a escrita assumiu funções variadas para cada sujeito que dela se valeu. Crítica do cotidiano, crítica de si, catarse, teorização, auto-compreensão, transmissão de sensações e mensagens, elaboração estética em meio ao sofrimento... De tudo isso um pouco. Mas um ponto que também se destacou em sua recorrência foi a possibilidade que a escrita ofereceu de dar lugar aos contornos de um futuro que de longe se acenava como incerto. A ameaça da morte como iminente trazida pelo novo vírus, invisível, apresentado naquela altura quase como onipresente, avolumava o presente com um peso e uma consistência que o tornava praticamente imóvel. Os recursos narrativos puderam dar contorno ao exercício da imaginação, afirmação de vida, transfiguração do presente desde sempre¹⁵.

Antonio Scurati, em meio a seu arrebatamento diante da tragédia que sua cidade testemunhava e da qual era copartícipe, tenta exercitar a esperança em um tom bastante afirmativo, como se quisesse com seu texto também exortar aqueles que o lessem a fazerem o mesmo:

(...) tocou-lhes viver o fim do seu mundo justamente quando começaram a ficar demasiado velhos para esperar um mundo vindouro. Porém, terão de o fazer. E o farão, estou seguro. Vão ter de imaginar o mundo que têm sido obrigados a experimentar nestes dias: um mundo que se questiona sobre como educar os próprios filhos, sobre como preservar um ar respirável, sobre como cuidar de si e dos outros. Uma era acabou, outra começará. Amanhã. Hoje estamos na fila para o pão. Hoje os jornais titulam: "resiste, Milão!" E Milão resiste. (Scurati, 25/03/2020)

No meu ponto de vista, a partir das crises acumuladas que vivíamos, pude arriscar construir em letra a antecipação de um futuro que desejei e ainda desejo para nosso país:

Um bom exercício pós-quarentena para os brasileiros seria precisamente esse: passarem a se preocupar com a vida dos demais brasileiros. Ver como vivem os brasileiros que nadam

¹⁵Em outra ocasião desenvolvemos alguns argumentos, baseados em Hannah Arendt, sobre a aposta no sentido como investimento na produção do que é próprio do humano (Zica & Tabosa, 2018).

no esgoto e ao se aproximarem notarem que eles adoecem sim e morrem... entender que podia ser diferente. (Zica, 13/04/2020)

E de maneira não tão otimista, arrisquei também dar contornos imaginários a um outro futuro para nossa nação. Infelizmente mais provável. Um futuro que é hoje, um ano e meio depois, presente. Mas ainda assim se podia, com a escrita, presentificar algum futuro. Um exercício salutar de fugir às garras daquele eterno presente:

Ou não aprendemos nada e essa quaretena passa e fica por isso mesmo. Como passou o golpe contra a Presidenta Dilma, como passaram os dois anos do mandato fracassado de Temer, como passaram os robôs do Whatsapp para a campanha mentirosa de Bolsonaro, como passaram as provas inequívocas do Intercept contra a Lava-jato, como passaram os dias de Lula na prisão para que não “atrapalhasse” as eleições, como passou o primeiro ano de desgoverno da milícia no poder. (Zica, 13/04/2020)

Na escrita de Cristina Gouvêa esse aspecto da possibilidade de tangenciar um futuro também comparece de um modo muito perspicaz. Já citamos o trecho em que ela afirma: “Não há volta, nos dizem. Queremos acreditar que a frase indica a utopia de um mundo melhor, livre de nossa voracidade acumulativa de geringonças (...)” (Gouvêa, 09/04/2020). Conforme poderemos ver, o arremate dessa frase é precioso, poeticamente contundente e belo, portador de um ensinamento poderoso e que ressoa ao longo de décadas – sem resposta a contento:

Ou, como nos lembra nossa história recente, nada aprendemos com Auschwitz. Restarão corpos de dinossauros gordos a se movimentar, lentos, numa paisagem despovoada, de torres vazias, anúncios de neon apagados. Quando as coisas serão normais..(Gouvêa, 09/04/2020)

Os ecos desse texto ainda podem ser ouvidos e certamente seguirão reverberando como presságio, como oportunidade enquanto ainda é (for) tempo.

Considerações finais

Impossível não lembrarmos aqui de Didi-Huberman (2010) quando explicita o ponto último que define suas escolhas de pesquisa:

Devo dizer que me coloco sempre casos bastante difíceis, casos extremos... Escrevo muito sobre as coisas que admiro, e

escrevo muito sobre coisas que me metem medo, das quais tenho horror. Escrevo sobre artistas, inevitavelmente de que gosto muito, e escrevo muitas vezes sobre imagens que me aterrorizam. Nos dois casos é sempre difícil produzir uma legibilidade, porque está presente o elemento *pathos*, o elemento emotivo, que entra em linha de conta. (Didi-Huberman, 2010, p.18)

Recorremos a esta passagem porque algo desse conteúdo diz também muito desse artigo que ora se vê publicado. A estranheza desse trecho, entretanto, em sua relação com a análise que apresentamos é que no caso de Didi-Huberman a questão da admiração e do horror aparecem como escolhas separadas: em algum momento “as coisas que admira”, e, em outro, “as coisas que metem medo”. Em nosso caso esses dois lados da moeda do *pathos* participaram ativamente na escrita desse artigo, sobretudo na escolha do material selecionado. Crônicas extremamente belas, pelas quais esteticamente temos profundo apreço. Por outro lado, nessas mesmas crônicas, um tema invariavelmente aterrorizante, terrificante, um caso extremo: a ameaça da vida em escala global pelo Covid-19.

Esperamos ter alcançado o objetivo de compartilhar com os leitores essas saídas inventivas que aqueles viventes foram capazes de operar num momento de grande angústia. Aqueles que puderam fazer algo com seus corpos falantes, qualquer coisa que não fosse se render ao silêncio mortífero. Nas crônicas analisadas testemunhamos um rico trabalho de si e também de aposta no laço social, na medida em que frases eximamente polidas foram encadeadas para serem endereçadas aos demais viventes – àquela altura todos feitos de **sobreviventes**. Com esse artigo prestamos também tributo àquele esforço, suspiro de vida.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A escrita como remédio: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX. In: Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Edições Bagaço, 2008. P.482-483.

BARBOSA NETO, Esperidião. Trauma e Arte: do vazio à elaboração de sentido. *Revista Subjetividades*, 20(2): e8691, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes>

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed.34, 2010.

GUERRA, Mariah Neves & Burgarelli, Cristóvão Giovani. Entre Arte e Psicanálise: a escrita da experiência como metodologia. *ARTEFILOSOFIA*, nº24, julho de 2018, P. 238-257. Disponível em: <http://www.artefilosofia.ufop.br/>

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. O pai, o filho e o historiador: diálogos entre cinema, história familiar e doentes de Alzheimer. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, V. 6 N. 18, 2021.

ZICA, Matheus da Cruz; Tabosa, Mariana Queiroga. Educação como aposta no ser humano. In: Gaudêncio, Carmen Amorim (org.). *Perspectivas profissionais sobre a execução penal e o processo de ressocialização: contribuições PROCABIP*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2018. p. 95-108.

ZICA, Matheus da Cruz. Crítica da educação e da escola sob o prisma da arte literária nos ensaios do escritor Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012). EDUCAR EM REVISTA, v. 35, 2019.

_____. Considerações acerca da educação para uma morte digna. In: Gonçalves, Iracilda Cavalcante de Freitas (org.). Suicídio: prevenção, posvenção e direito à vida. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. p. 169-180.

_____. Diversificação dos modos de ser masculino e estatização da violência masculina na escrita literária e jornalística de Bernardo Guimarães (1869-1872). Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, UFMG. 2011.

Fontes

Brousse, Marie-Helene. 25/03/2020 “Os tempos do vírus”, *Lacan Quotidien*, N.876. Disponível em: <https://lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2020/03/LQ-876.pdf> .(último acesso em: 15/10/2021). Versão em português: por Yolanda Vilela. 04/04/2020. Correio Express – revista eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise – em 04 de abril de 2020. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/04/os-tempos-do-virus/ . (último acesso em: 15/10/2021).

Gouvêa, Maria Cristina Soares de. 09/04/2020. “Um metro e meio: crônica para tempos distópicos”, *Pensar a Educação em Pauta*. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/um-metro-e-meio-cro%CC%82nica-para-tempos-distopicos/> . (último acesso em: 15/10/2021)

Scurati, Antonio. 25/03/2020. “O fim de uma era”, *Corriere della Sera*. Disponível em: <https://francescomacri.wordpress.com/2020/03/25/il-coronavirus-ha-segnato-la-fine-di-una-epoca/>.(último acesso em: 15/10/2021). Versão em português: *observador.pt*. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/milao-a-cidade-mais-privilegiada-de-italia-esta-agora-na-fila-do-pao/> .(último acesso em: 15/10/2021)

Zica, Matheus da Cruz e. 13/04/2020. “Ou tiramos consequências políticas desse vírus... ou pior”, *Blog Pensar a Educação*. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/blogpensaraeducacao/tag/matheus-cruz-e-zica/> .(último acesso em: 15/10/2021). Segunda versão disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/ou-tiramos-consequencias-politicas-desse-virus-ou-pior-por-matheus-da-cruz-e-zica/> .(último acesso em: 15/10/2021)